

Linhas mnêmicas, imaginárias e simbólicas esboçando a face humana

Vinícius Andrade Pereira*

RESUMO

Partindo de Cassirer, que define o homem como um animal simbólico, o artigo conjectura sobre a faculdade simbólica e sua interdependência da faculdade imaginária, considerando ambas comprometidas inextricavelmente com uma idéia de memória vinculada a uma dimensão fortemente criativa, em contraposição às concepções clássicas, que as concebem como recuperação de informação.

Palavras-chave: memória criativa; simbólico; imaginário.

SUMMARY

Starting from Cassirer, who defines man as a symbolic animal, this paper speculates on the symbolic faculty and its interdependence with the imaginary one, considering both relentlessly committed to the idea of memory connected to a dimension strongly creative, as opposed to classical concepts, which conceive them as a retrieval of information.

Keywords: creative memory; symbolic; imaginary.

RESUMEN

Partiéndose de Cassirer, que define al hombre como un animal simbólico, el artículo conjetura sobre la facultad simbólica y su interdependencia de la facultad imaginaria, considerando a ambas comprometidas inexorablemente con una idea de memoria vinculada a una dimensión fuertemente creativa, en contraposición a las concepciones clásicas, que las conciben como recuperación de información.

Palabras-clave: memoria creativa; simbólico; imaginario.

As inúmeras tentativas de posição de uma natureza para a nossa espécie parecem ter vivido seus últimos estertores, neste século, com Cassirer (1971), ao conceber o humano como animal simbólico. Assim, ao indagarmos o que nos especificaria frente às outras espécies, ainda podemos escutar como resposta: é a faculdade simbólica. Ou, de outra forma, o que nos especificaria é a capacidade que apresentamos para operar, com excelência, um sistema de significação ímpar, artificial, passível de compreensão coletiva, que, ao mesmo tempo que nos constitui, é afetado pela nossa existência, complexificando as formas pelas quais conhecemos o mundo - cognição - e as formas pelas quais falamos deste mundo - comunicação.

Investigando a possibilidade de outros organismos desempenharem a função simbólica, observamos que isto é possível, embora de forma parcial. Há, nesses casos, limitações ao uso de tal função, e tais limitações parecem determinadas por diferenças existentes entre os organismos observados e o homem: diferenças quantitativas e não qualitativas, que poderão, por fim, afetar a qualidade do desempenho em questão. Mas, quantidade de quê estaria em jogo?

A fim de responder a esta questão, teremos em mente dois organismos que tantas vezes já foram estudados e comparados ao homem, especialmente no que diz respeito à competência de agir dentro do universo simbólico: os chimpanzés, particularmente quanto à capacidade desta espécie de utilizar linguagens humanas para a cognição e para a comunicação (Morin & Piattelli-Palmarini, 1978), e as máquinas informáticas, ou os computadores, particularmente

no que se refere ao uso de linguagens formais lógico-matemáticas. (Passis-Pasternack, 1993)

Em relação à competência dos chimpanzés para o uso da linguagem, lembramos que quando comparou os resultados obtidos de Sarah, a chimpanzé estudada durante muitos anos, com os do homem, David Premack (1983) afirmou que dois fatores distintos poderiam estar impedindo o desabrochar da linguagem nos chimpanzés. Um seria a não exigência ambiental, in natura, para que os chimpanzés se comuniquem de uma maneira mais formalizada, através de uma linguagem simbólica, próxima da humana - exigência que pode ser produzida, in vitro, como no caso da própria Sarah, ou no de Washoe, a chimpanzé estudada nos anos 50 pelo casal Gardner. (Morin & Piattelli-Palmarini, 1978, p.52-53) O outro fator seria a falta de estruturas mnemônicas mais potentes, que permitissem representações mais complexas e em maior quantidade, indispensáveis para o uso da função simbólica, tal qual no caso humano. (Idem, p.47)

Atlan também considera importante a presença desses dois fatores para que os chimpanzés conquistem um desempenho satisfatório, no uso da função simbólica, quando afirma que: "O que falta aos chimpanzés para que eles falem como seres humanos não são apenas as aptidões glóticas e as oportunidades sócio-culturais de serem forçados a se servir de suas aptidões e a desenvolvê-las, mas são também maiores possibilidades de memorização." (Atlan, 1992, p.167) [grifo nosso]

No campo das máquinas informáticas, essa preocupação com a memória, como estrutura fundamental para potencializar desempenhos lógicos e simbólicos, pode

ser vista em Atlan (Idem, p.161), ou em Simon, por exemplo, quando diz: "A noção de intuição é normalmente utilizada quando um especialista, por exemplo, um brilhante jogador de xadrez, é capaz de apreender, instantaneamente, toda a significação de uma dada situação. Pois bem, analisando com atenção esse processo, percebe-se que a chave da intuição é o reconhecimento, ou seja, que o especialista reconhece os sinais que lhe permitem ter acesso a um vasto conhecimento que ele armazenou durante uma longa experiência de vida. Do mesmo modo, um computador dotado de um rico banco de dados seria capaz de intuição." (Passis-Pasternack, 1993, p.227).

Assim, a riqueza e a complexidade da função simbólica desempenhada pelo homem indicam ter sido resultado e, ao mesmo tempo, causa, de um aumento das capacidades mnemônicas da nossa espécie. Isto pode ser entendido, pelas palavras de Atlan, quando nos damos conta de que "...a linguagem articulada combinatória precisou, para se desenvolver, por um lado, de cérebros com capacidades de memórias aumentadas; de outro, expressa nas sociedades e nas culturas através de produções que atravessam as gerações, ela constituiu um suporte preferencial para um fantástico aumento das capacidades de memória da espécie, que se superpõem às capacidades mais antigas da memórias genéticas." (Atlan, 1992, p.167)

Esta idéia do aumento da memória ser possibilitado pela função simbólica pode ser melhor entendida pelo exemplo fornecido por Ornstein. (1991, p.233-234) Associando sete elementos em uma seqüência, tal como GSNIAICODIF, formamos uma palavra que ficará retida em nossa mente por um curto período, a não ser que promovamos técnicas específicas para guardá-la (associacionismo, por exemplo). Entretanto, a palavra SIGNIFICADO, composta com os mesmos sete elementos, ficará por um bom tempo guardada, pois, graças a um código - a língua portuguesa -, ela ganha sentido e, assim, ativa conexões mentais que permitem uma estocagem mais eficiente e duradoura.

Por outro lado, tomando o computador como modelo comparativo, notamos que todo seu desempenho é determinado em grande parte por suas memórias. Quando falamos em velocidade de processamentos, em definição e movimento de imagens, em definição de

som, na possibilidade de o computador rodar ou não programas mais complexos, tudo isso está ligado à memória do computador. A memória pode ser entendida, nesse caso, como a capacidade de estocar informações e, ainda, de promover interações entre tais informações, deixando-as disponíveis para o uso que as operações da máquina exigir.

De uma maneira geral, poderemos utilizar a proposta de Atlan para uma definição ampla da idéia de memória: "Basta (...) que (...) (um) fenômeno seja estruturado de tal maneira que seja portador de informação, para que tenhamos uma memória realizada; e basta que esse fenômeno seja então integrado, numa forma qualquer, a uma máquina organizada, para que tenhamos uma memória em funcionamento." (1992, p.119)

Da mesma maneira, podemos dizer que a vida de todos os animais e, particularmente a do homem, gira em torno das suas memórias. Onde moro?... Quem é minha esposa?... Qual a minha profissão?... Como resolver um dado problema?... Questões cotidianas, simples ou complexas, que respondemos ou que simplesmente nos fazem agir, de forma refletida ou não, implicam a memória.

O homem, então, parece dispor de um vasto conjunto mnemônico, dividido em diferentes esferas, no qual, por um lado, teríamos uma memória corporal, cega, automática, não-refletida, que se ocuparia de uma série de ações cotidianas, porém importantes para o encaminhamento de nossas vidas; por outro, teríamos uma memória que precisaria ser evocada, refletida, e, em alguns casos, forçada para nos servir.

Conforme Seminério, já em Aristóteles, no seu pequeno tratado Memória e Reminiscência, são encontrados aspectos dessa problemática, quando desdobra a memória em dois processos básicos: um não-refletido, de caráter espontâneo, e outro voluntário, "que caracteriza um ato decisório vinculado ao intelecto apto a evocar deliberadamente o passado." (Seminério, 1979, p.29)

Seminério nota que este desdobramento da memória em dois aspectos poderá ser entendido como o germe de uma tendência que se manifestará na Filosofia, desde então, e, posteriormente, tanto na Psicologia Experimental quanto nas disciplinas correlatas que se ocuparão com tal tema, situando a memória ora como um mero hábito, reduzido a asso-

ciações elementares e aos seus possíveis processos de aprendizagem, ora como uma atividade da consciência, referida em processos de significação. "Desta forma postulam-se os fundamentos para uma definição e uma descrição da memória quer em bases de traços psicofisiológicos, consolidando uma(...) linha de investigações, que remonta ao associacionismo, ao positivismo e ao evolucionismo, quer em bases da qualidade pura do psiquismo, inspirada essencialmente ao racionalismo e reforçada posteriormente pela fenomenologia. No primeiro caso estaremos diante de um processo que exige conexões fixadas por contigüidades e repetições; no segundo, perante uma realidade que se estabelece em função de um nível de significação." (Idem, p.34)

Nossos aparelhos cognitivos estão sempre processando informações do mundo.¹ Os processos de captar, estocar e, posteriormente, recordar informações parecem ocorrer por vias distintas, conforme a natureza da informação recordada. Diferentes vias podem entrar em ação caso se trate de recordar palavras, rostos, episódios ou sons específicos. Entretanto, em todos esses casos parece haver mais facilidade por parte da memória para gravar informações que possam ser divididas em unidades ou catalogadas de acordo com regras gerais. Ornstein comenta a respeito: "A divisão em unidades nos permite lembrar uma grande quantidade de informações, ou seja, construir imagens complexas com base em sinais sutis do mundo." (1991, p.234)

Mas, se a memória estoca as informações que lhe chegam, levando em conta a natureza das informações, não parece existir áreas de armazenagens específicas, como propunham os localizacionistas.² Tal perspectiva ganha espaço dentro das ciências cognitivas, tendo Ornstein como um dos seus representantes: "As conexões nervosas se assemelham a uma enorme rede de fios interconectados, que não terminam num local específico, num eventual arquivo cerebral. As lembranças não são fotografias, nem guardam eventos distintos; ao contrário, podem ser misturadas, apagadas ou alteradas por experiências posteriores." (Idem, p.239)³

A idéia é a de que, a partir de alguns sinais básicos, nossa memória componha recordações, pressionada por uma série de fatores ambientais e emocionais que nos envolva. "Recordamos a imagem, não os sinais", diz Ornstein, que exemplifica:

“Se famintos, lembramo-nos do shopping center próximo como uma fonte de alimento, não como um local para passar o tempo olhando vitrinas. Saciada a fome, talvez nos lembremos de aproveitar a liquidação numa das butiques.” (Idem, p.233)

Nossas lembranças, pois, não são constantes e coerentes, esquecemos coisas, nos confundimos, alteramos dados, e um mesmo conceito poderá ser recordado e classificado de maneiras diferentes em situações diversas. (Idem, p.231) Isto parece contrariar a idéia de que a memória é a guardiã de nossas vivências e guia fiel dos nossos passos no mundo.

Observamos, então, que nossa memória, ao mesmo tempo em que guarda dados gerais sobre eventos e coisas que são importantes para a nossa orientação no mundo, sofre uma profunda influência de fatores ambientais e emocionais, alterando muitos conteúdos mnemônicos, transformando-os. Seria impossível, ainda que fantástica a capacidade de memória do cérebro humano, guardarmos o conjunto de todas as informações vividas e relevantes para nossa vida. Assim, a memória pode trabalhar com alguns sinais que formam padrões de recordações mais ou menos próximos da realidade, com os quais nos orientamos.

Segundo Ornstein, isso ocorre pelo fato de nossa memória não ter surgido para nos fornecer dados precisos sobre o mundo, de uma forma objetiva e completa. Na história da evolução humana, muitas vezes as ações que decidiam sobre continuar vivo ou morrer exigiam análises rápidas e não aprofundadas sobre certos acontecimentos. A função da memória, grosso modo, é a adaptação do homem ao seu ambiente.

Ornstein escreve: “Não existem lembranças reais, conforme as conhecemos. Reinterpretamos os pontos rijos da memória vezes sem conta, recriando nosso passado ao longo da vida, ao longo das mudanças nas experiências. Sem dúvida, todas as nossas experiências contribuem para nossa visão do mundo e afetam as imagens que criamos. Mas a crença de que temos uma memória completa dos eventos é ilusão, assim como nossa coerência. A mente evoluiu para nos manter em adaptação, não para conhecermos a nós mesmos, de modo que mesmo os eventos que temos certeza de recordar perfeitamente não passam de uma ‘reimagem’, o eu da mente decidindo às carreiras. As lembranças são sonho.”

(Idem, p.240)

Seja como for, todos temos confiança na maioria de nossas recordações e, mesmo que haja uma distorção em tudo o que evocamos - excetuando os casos patológicos -, não costumamos errar nosso próprio endereço ao voltar para casa, ou esquecer quem são nossos pais, por exemplo. São esses acertos que deixam a impressão de que, para além das ilusões da memória, há algo gravado em nossa mente com o qual podemos contar para orientar nossas vidas.

Estariamos, agora, frente a uma nova

Nossas lembranças, pois, não são constantes e coerentes, esquecemos coisas, nos confundimos, alteramos dados, e um mesmo conceito poderá ser recordado e classificado de maneiras diferentes em situações

dicotomia para a memória: em uma perspectiva, teríamos uma memória que acerta frequentemente, com precisão, os seus alvos; em outra, a memória não seria tão precisa, juntando os cacos mnemônicos e produzindo imagens distantes dos modelos reais. Na tentativa de compreender melhor essa questão e com o intuito de encaminhar algumas conjecturas, iremos propor alguns nomes para designar e/ou salientar alguns aspectos importantes da memória.

Chamaremos os padrões mnemônicos elementares que adquirimos ao longo de nossas vidas, e com os quais construímos ou evocamos nossas lembranças, algo que parece fixo e estrutural na memória, de memória traços. Este algo fixo da memória pode ser entendido como próximo aos esquemas propostos por Piaget, sobre os quais se desenvolverão tanto a inteligência quanto a memória da criança.

Segundo Seminério, podemos admitir em Piaget a existência de componentes mnemônicos que funcionariam como um sistema de “traços”, “armazenando-se como sinais e significantes capazes de se integrar nos esquemas existentes para assegurarem o reconhecimento ou a reconstrução ou a evocação.” (1979, p.63-64)

Para Piaget, o aparecimento da me-

mória só é possível à medida que se desenvolva concomitantemente à inteligência, conquistada, por sua vez, a partir dos esquemas.

A idéia fundamental é a de que os esquemas, que podem ser entendidos como “sistemas estruturados de ação do sujeito - ação de qualquer tipo, nível ou natureza - consolidados por sua eficácia e organização”, asseguram a “conservação do passado” à medida que participam de uma sintaxe constituída pelo próprio desenvolvimento da inteligência. (Seminério, 1979, p.64)

Poderíamos entender que o que designamos por memória traços seria, em Piaget, o conjunto dos esquemas elementares que formam padrões mnemônicos, capazes de possibilitar os três estágios da memória propostos pelo autor: o reconhecimento, a reconstrução e a evocação. Devemos observar, contudo, o caráter dinâmico dos esquemas e a sua integração sistêmica junto a outros esquemas da inteligência, respondendo em conjunto pelo desenvolvimento geral da criança.

O reconhecimento trata-se, para Seminério, de um comportamento que permite destacar um dado informacional que tenha funcionado como solução em problemas passados e, assim, lançar mão de tal dado a fim de se obter a solução de problemas semelhantes. (Idem, p.66)

A reconstrução seria a capacidade de, a partir das relações apreendidas entre as partes que compõem um modelo qualquer, reconstruir este mesmo modelo. Este estágio antecipa a representação figurativa dos objetos e tem nas atividades de imitação seu melhor exemplo. Nesse caso, a criança começa a imitar algo diante de um modelo e vai, aos poucos, aumentando o intervalo temporal deste modelo de imitação, “permitindo que a ação diferida possa representar a ação do modelo que se pretende significar.” (Idem, p.67)

Finalmente, a evocação é a fase em que se pode evocar o passado propositalmente, reeditando-o dentro de estruturas lógicas seqüenciais. Esta evocação poderá ser feita, então, quer por imagens mentais, quer por símbolos formalizados, como as palavras.

Um outro comparecimento da memória, que chamaremos de memória transcrita, parece ser responsável pela maioria das nossas recordações. Esta memória transcreve⁴, a partir da memória traços, imagens mnêmicas para o enten-

LOGOS

dimento de fatos ou coisas novas que surgem e, quase sempre, não há concordância plena entre esses conteúdos transcritos e a realidade das coisas, mas, sim, uma proximidade relativa.

Chamaremos de memória dragada,⁵ a memória que pouco se altera quando a evocamos - por exemplo, qual o nosso nome, idade, endereço, por que temos essa ou aquela cicatriz etc..

Destacamos, aqui, esta capacidade de se transformar, ou se transcriir a partir de um padrão mnemônico anterior, a memória traços, que dá à memória uma dimensão fluida, dimensão esta que parece ser a característica mais notável da

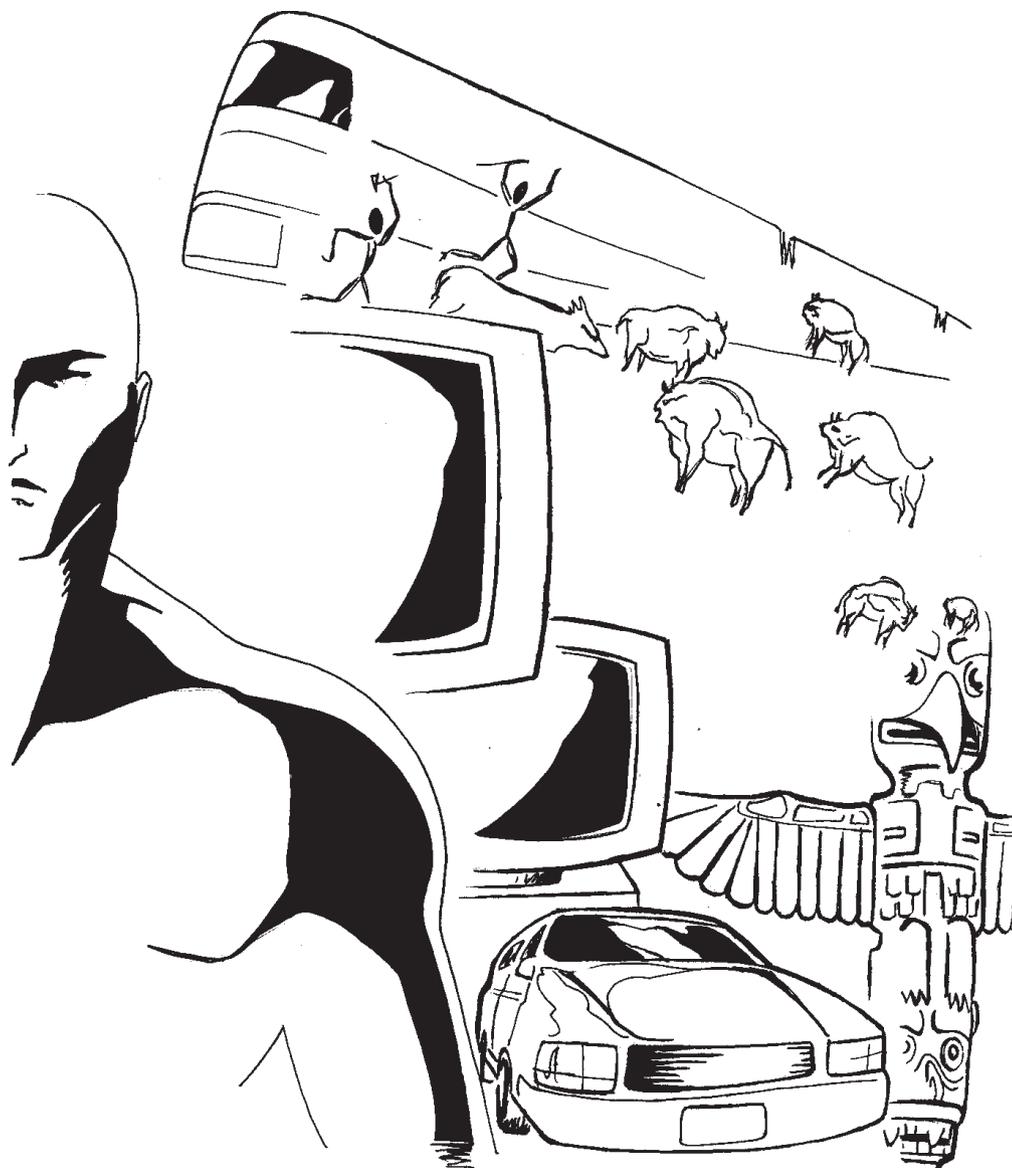
memória humana.

Vejam os quais aspectos ou qualidades da memória que procuramos salientar com as respectivas renomeações.

Chamamos de memória traços os padrões mnemônicos elementares que servirão tanto à possibilidade de construção de imagens mnêmicas - a memória transcrita -, quanto à de serem, ainda que parcialmente, evocados sem grandes transformações - a memória dragada -, destacando sempre a dimensão fluida em todas essas possibilidades, a labilidade da memória, a capacidade de formar novos padrões mnemônicos se auto-reconstruindo, se transcriando.

É importante observarmos que a memória transcrita, ao se relacionar com um episódio especificamente significativo para cada um de nós, poderá passar a fazer parte do conjunto de padrões mnemônicos disponíveis - e, também, passível de funcionar como memória dragada, uma vez que poderá ser resgatada, a partir de então, sem sofrer grandes transformações.

Como podemos notar, a característica fluida da memória pode se manifestar não só nos processos de transformação ou de reconstituição das nossas recordações, mas também na transformação da memória transcrita em memória dragada,



e vice-versa.

Retomando nosso percurso investigativo, poderíamos pensar que a singularidade humana estaria designada - ainda que pensada em conexão com o nosso excelente desempenho da função simbólica - por este quantum mnemônico excessivo, não encontrado, por enquanto, em nenhum outro organismo, quer biológico, quer não-biológico, como no exemplo que aqui nos valem das máquinas informáticas.

Poderíamos, pois, pensar o homem como um animal mnemônico por excelência, uma vez que essa estupenda memória humana articula-se não só com o que temos de simbólico, mas também com o que temos de imaginário.

A memória traços são padrões mnemônicos que podem ser combinados de diferentes maneiras, produzindo imagens mnêmicas que ganham significados se apresentando como memória transcrita ou memória dragada. Contudo, há uma outra alternativa de uso para tais padrões: trata-se de quando o produto que forneceram (qualquer das duas possibilidades anteriores, memória reconstituída ou dragada) não se integra à realidade constatada. Tratar-se-ia, neste caso, de conteúdos mnemônicos que compareceram, influenciados por motivos, não raramente, não conscientes, portando uma ambigüidade significativa excessiva ou, mesmo, uma aparente falta de sentido, incapaz de se adequar a qualquer ponto da realidade com que estejamos interagindo.

Esses traços mnemônicos, fragmentos ou interassociações de memória traços, bastante ambíguos, estranhos - assim como aqueles portadores de sentido -, tecerão nosso imaginário, alimentando nossos sonhos, devaneios e delírios.

É como se a memória traços colocasse à disposição dos movimentos de transcrição, freqüentes na dinâmica da memória, um número muito grande de padrões mnemônicos, que, comumente ou não, são requisitados para a constituição de alguma recordação ou, por algum motivo, se associam a outros padrões inusitados, formando padrões estranhos que aparentemente não servem para nada: na verdade, participam ativamente da formação dos nossos conteúdos imaginários.⁶

Ora, fica fácil supor que esses padrões estranhos, fragmentos ou associações mnemônicas sem sentido, induzem o humano a uma série de erros, imprecisões

e ambigüidades, pois, comparecendo na consciência, não estabelecem uma relação de adequação com a realidade, ao contrário, extrapolam-na, produzindo novas realidades. (Atlan, 1992, p.172)

Como essa indução estranha pode levar o homem a erros fatais, surge uma demanda para organizar, separar as realidades, elegendo aquela que parece ser partilhada por todos e, assim, fixá-la em seus elementos fundamentais. Essa demanda em encontrar e fixar a realidade mais real, parece ser a demanda para a entrada da função simbólica no quadro da formação humana, enquanto as escapadas desta fixação parecem ser a nossa própria função imaginária em ação.

Esta demanda para o comparecimento de uma função como a simbólica, intimamente ligada a uma expansão do imaginário, parece coerente com a proposição feita por Seminério de que, na evolução das espécies, uma seqüência de linguagens morfogênicas superpostas e interdependentes tenha ocorrido. O patamar mais alto dessas linguagens seria L4 - ou linguagem recursiva. Como propriedade específica dessa linguagem estaria a capacidade de captar as regras sintáticas e os invariantes lógicos existentes em todo o fluxo desordenado de imagens do pensamento; este, por sua vez, marcado já por uma causalidade. Esta causalidade capaz de associar diferentes imagens constituindo episódios seria, aliás, a característica da L3 - ou linguagem episódica.

Voltando a nossa hipótese, porém, a de que a explosão do imaginário implica o simbólico, podemos recorrer à proposição de Seminério: "Numa etapa difícil de ser precisada deve ter surgido esta competência recursiva e reflexiva. É o que denominamos quarta linguagem - L4. Mais importante do que tentar determinar o momento cronológico desta atividade cognitiva parece ser a tentativa de investigar como e porque poderia ter surgido. Parece óbvio que seu aparecimento deveria ter retirado a representação mental incipiente do caos irracional de seu fluxo para imprimir-lhe uma organização racional." (s/d, p.35) [grifos nossos]

Portanto, poderíamos conjecturar que o surgimento do simbólico está profundamente implicado com o nascimento do imaginário, sendo ambos viáveis a partir do momento em que houve uma especialização cerebral, que parece ter explodido as capacidades mnemônicas

e representativas, favorecendo, com todos esses fatores, o comparecimento do humano. (Atlan, 1992, p.175-177)

O fluxo desordenado do imaginário, com suas formações oníricas e delirantes excessivas, é o material que permitiria, ou melhor, que exigiria, em função das pressões do meio, uma ordenação deste caos imaginário, caos que se faz presente até hoje no homem em suas ações cotidianas, em seus processos de criação, ou em seus processos patológicos. É importante valorizar esta dimensão imaginária tanto quanto a simbólica para o entendimento do humano. Como disse Atlan: "E já que o Homo sapiens é definido por seu grande cérebro de 1.500 cm³, quais as características próprias do Homo sapiens, que não existiam antes dele, nem nos antropóides (500 cm³), nem nos primeiros homínidas (600 a 800cm³), nem no Homo erectus (1.100cm³)? E vem a resposta: o imaginário, a desrazão, o delírio." (1992, p.168) [grifos nossos]

O que propomos com essas reflexões incide sobre esta particularidade que parece fundar o humano: uma mutação que lhe permitiria operar em quaisquer direções, com quaisquer conteúdos, dando ao seu psiquismo uma rica dimensão imaginária, dimensão caótica, mas que será minimamente ordenada no momento em que surgirem linguagens formais e certos tipos de lógica, o que só foi possível com a aquisição da função simbólica, interdependente, por sua vez, de uma rica e diversa estrutura mnemônica. A função simbólica, pois, potencializa a memória, da mesma forma que é potencializada por esta. Há, portanto, pela conjectura que apresentamos, um comprometimento inexorável entre memória, imaginário e simbólico na constituição deste animal dito humano.

Morin sugere que conjuntamente com o Homo sapiens surge o sapiens demens... (apud Atlan, 1992, p.159) Da mesma forma, não poderemos mais acolher a proposição do humano como animal simbólico se não tiverem atrelados o animal imaginário e o animal mnemônico. Trações que movem por caminhos sem fim a multifária carruagem da cultura.

de alguma forma. Algo se mantém da informação original, mas algo se transforma nessa mesma informação. (Cf. Campos, H. A arte no horizonte do provável; e outros ensaios. São Paulo: Perspectiva, 1977, p.100-119.) É dessa idéia que queremos nos apropriar para analisar a dinâmica da memória ao produzir as lembranças.

⁵ Memória dragada é uma idéia que faz alusão direta a Piaget: "...quando se evoca uma lembrança olvidada, essa evocação pode ser tanto uma reconstituição como uma dragagem." (1978, p.240)

⁶ Essas idéias foram inspiradas a partir da leitura de Atlan, particularmente das suas especulações sobre processos de redundância e aptidões não-realizadas. (1992, p.172)

Notas

¹ Na verdade, desde a Escola Empirista, com Locke, Berkeley e Hume, compreendemos que o homem não colhe passivamente as informações do mundo. Kant aprofundou esta questão postulando que uma série de a prioris nos impede o acesso ao mundo real. Lorenz e Piaget ratificaram posteriormente essa intuição, cada um à sua maneira. (cf. Seminário, s/d)

² Corrente de neurologistas que busca, em áreas cerebrais específicas, a sede de diferentes faculdades.

³ Esta observação poderia chocar-se com a tese das áreas cerebrais e suas específicas funções, mapeadas por Penfield nos anos 40. Quanto a isso, o próprio Ornstein responde: "A verdade é que o neurocirurgião, aparentemente, cometeu os mesmos equívocos que nós. Diante das complexas e maduras experiências evocadas pelo eletrodo no cérebro, Penfield reagiu com uma provável imagem da realidade - no cérebro, as experiências deviam constituir eventos reais armazenados. Não lhe ocorreu que podia tratar-se de eventos reconstruídos." (Ornstein, 1991, p.239)

⁴ Esse neologismo - o verbo transcriar - foi proposto por Haroldo de Campos ao falar sobre o seu processo de tradução. Explica que em vez de simplesmente traduzir, isto é, substituir uma língua por outra, o trabalho do tradutor deve-se pautar em um processo de criação a partir de um material já escrito, por ser impossível uma substituição de uma língua por outra sem perda de informação. Assim, transcriar implica em trabalhar com uma informação básica, mas modificá-la

Bibliografia

ATLAN, Henry. Entre o cristal e a fumaça. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

CASSIRER, E. Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. Filosofia de las formas simbolicas. El lenguaje I. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.

MORIN, E. & PIATTELLI-PALMARINI (Orgs). A unidade do homem: invariantes biológicos e universais culturais. Do primata ao homem I. São Paulo: Cultrix, 1978.

ORNSTEIN, R. A evolução da consciência: de Darwin a Freud, a origem e os fundamentos da mente. São Paulo: Best Seller, 1991.

PASSIS-PASTERNAK, G. (Org). Do caos à inteligência artificial. São Paulo: UNESP, 1993.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1978.

PIATTELLI-PALMARINI, M. (Org.) Teorias da linguagem - Teorias da aprendizagem. O debate entre Jean Piaget e Noam Chomsky. São Paulo: Cultrix, 1983.

PREMACK, D. In: PIATTELLI-PALMARINI, M. (Org.) Op.cit.

SEMINÁRIO, F. Tese de Concurso para Professor Titular. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia/UFRJ, 1979.

_____. Cognição: bases morfogênicas, análise crítica e verificações principais. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia/UFRJ, s/d.

* Vinicius Andrade Pereira é Doutorando da ECO/UFRJ e Mestre em Psicologia Cognitiva pelo Instituto de Psicologia/UFRJ.